

# Em SP, 23% acabam 2º ano sem ler e escrever

Prova São Paulo mostra que 11 mil dos 48 mil avaliados não estavam alfabetizados

**Ocimara Balmant**  
ESPECIAL PARA O ESTADO

Uma em cada quatro crianças das escolas municipais da cidade de São Paulo termina o 2.º ano do ensino fundamental sem saber ler e escrever. Isso significa que, dos 48 mil avaliados no 2.º ano do ciclo 1, mais de 11 mil ainda não estavam alfabetizados.

Os números são da Prova São Paulo, que avaliou 288 mil estudantes em novembro do ano passado. Apesar de mostrar um avanço em relação aos mesmos resultados de 2007 – quando a prova foi aplicada pela primeira vez e indicou que 39% dos alunos do 2.º ano do ciclo 1 não estavam alfabetizados –, o índice ainda é considerado ruim.

Como todos os estudantes avaliados integram o modelo antigo de ensino fundamental (de oito anos e não nove), essas crianças do 2.º ano ainda não alfabetizadas já tinham 8 anos. Uma das metas do Plano Nacional de Educação (PNE) estabelece que, até 2022, toda criança terá de estar alfabetizada até 8 anos.

“Toda escola de São Paulo quer alfabetizar todos os alunos. Não temos uma data estipulada, mas queremos atingir a meta antes do prazo estipulado pelo Ministério da Educação. O resultado da Prova São Paulo mostra que estamos indo bem: em três anos, avançamos 25%”, afirmou o secretário municipal da Educação, Alexandre Schneider, se referindo aos resultados de 2007.

**Fraco.** Para os especialistas, apesar da melhora, o índice atual ainda é muito ruim. “Se calibrarmos o nosso senso crítico, veremos que os números não são

## PARA LEMBRAR

Na semana passada, resultados de outra avaliação revelaram o desempenho dos estudantes, desta vez do Estado de São Paulo. Dados do Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp) indicaram que 1.474 escolas – 29,1% da rede – não atingiram as metas da pasta e, portanto, ficarão sem o bônus por resultado. Em comparação com 2010, o índice de escolas que falharam triplicou. O Saresp é uma prova anual que avalia todas as escolas da rede estadual nos 3.º, 5.º, 7.º e 9.º anos do ensino fundamental e também no 3.º ano do ensino médio.

bons”, diz Priscila Cruz, diretora executiva da ONG Todos pela Educação. “Estar alfabetizada é o direito de todas as crianças. Para esses estudantes que não foram incluídos, o tempo passou. Eles deixaram de aprender. Temos de ter total intolerância à desigualdade.”

Segundo o professor Ocimar Munhoz Alavarse, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), os números são mais sérios quando se considera o patamar de São Paulo.

“Não dá para achar bom um número que mostra que, na cidade mais rica do País, uma em cada quatro crianças termina o 2.º ano sem estar alfabetizada. Essa pesquisa mostra que há crianças que depois de três anos na escola ainda não sabem ler e escrever”, afirma o educador.



### ● Variação

**22,7%**  
dos alunos do 2º ano não tiveram proficiência satisfatória em língua portuguesa em 2010; no 3º ano, o índice é de 10,6%

**25,8%**  
dos estudantes do 2º ano estavam plenamente alfabetizados em 2009; no 3º ano, o índice foi de 10,3%

**36,1%**  
foi o índice de estudantes do 2º ano que não tiveram desempenho satisfatório de leitura e escrita em 2008; no 3º ano, foram 17,9%

**288 mil**  
alunos da rede municipal da educação fizeram a Prova São Paulo, em novembro de 2010



**Meta.** Plano Nacional de Educação estabelece que até 2022 todas as crianças estejam alfabetizadas até os 8 anos

**A prova.** A avaliação com testes de língua portuguesa e matemática e uma questão de produção de textos foi aplicada a todos os alunos do ensino fundamental, exceto os do 1.º ano, e realizados por amostragem para os estudantes do 3.º, 5.º e 7.º anos.

Todas as escolas receberam o resultado com o desempenho individual do aluno, o rendimento da classe e da turma, da própria escola, da Diretoria Regional de Educação onde o colégio está inserido e de toda a rede municipal de educação.

Para a diretora executiva da ONG Todos Pela Educação, a divulgação dos resultados é positiva. “É muito bom que exista esse retorno para a comunidade escolar. Obter, mesmo em uma avaliação de larga escala, os dados relativos a cada aluno facilita no

momento de traçar uma estratégia. A escola age sabendo exatamente onde está acertando e em quais pontos precisa implementar mudanças.”

Para Alavarse, o importante é que essas crianças sejam acompanhadas. “Não é um trabalho fácil, porque a cidade tem muitas escolas e esses estudantes estão espalhados. Mas é preciso fazer um monitoramento sério para conhecer os casos mapeados e, por outro lado, evitar que isso ocorra com quem entra na rede agora.”

Quanto à questão de produção de texto, o professor defende que a avaliação seja feita com oficinas individuais aplicadas pelos professores caso a caso. “O problema quando se avalia produção textual é estabelecer um critério e, pior ainda, manter esse critério com o tempo.”

## Sindicato quer notificação de bullying

**José Maria Tomazela**  
SOROCABA

O presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Estado de São Paulo (Sieesp), Benjamin Ribeiro da Silva, recomendou ontem aos dirigentes de escolas particulares que notifiquem ao Conselho Tutelar ou ao Ministério Público Estadual (MPE) os casos de bullying e cyberbullying ocorridos nos estabelecimentos.

Em reunião com mantenedo-

res de escolas da região de Sorocaba, a 95 quilômetros da capital, ele se disse preocupado com o aumento do número de casos, principalmente com o uso da internet. “O bullying sempre existiu, mas agora, com a internet, a propagação dos ataques é muito mais rápida e difícil de ser controlada”, disse.

Silva recomendou aos dirigentes de escolas que mantenham controle sobre o acesso à internet na escola, especialmente às redes sociais, como Orkut, Facebook e Twitter. “A escola tem de ter um mecanismo de controle. Se um aluno pratica o bullying, chama os pais, anota na ficha dele. Se ainda assim não resolver, o caminho é o Ministério Público”, afirmou.